

O lazer do idoso: barreiras a superar

Senior's leisure: barriers to overcome

Minéia Carvalho Rodrigues¹

Resumo

Este texto traz reflexões a respeito das novas formas de comportamento da pessoa idosa veiculadas pela mídia, abordando o papel do lazer na implantação destas novas formas de comportamento e na construção de novos estereótipos em relação ao envelhecimento, mostrando que o lazer não se constitui um bem acessível a todos, existindo algumas barreiras que limitam o acesso ao mesmo, mas que podem ser superadas por meio de uma educação para o lazer.

PALAVRAS-CHAVE: idoso, lazer, mídia, barreiras, estereótipos.

Abstract

This text considers the new pattern of behavior of the elderly spread by the media, stressing the role of leisure in the built of this new way and new stereotypes. But it shows that leisure does not constitute an asset accessible to everyone, pointing out some obstacles that limit the access to it, although it can be overcome through an education focused on leisure.

KEYWORDS: aged, leisure, media, obstacles, stereotypes.

¹ Mestranda em Educação Física - Faculdade de Educação Física - UNICAMP. Professora do Curso de Educação Física do Campus Jataí - UFG. E-mail: mineiarc@bol.com.br.

Introdução

Nas últimas décadas, assistimos a um interesse crescente pelos estudos do lazer, estamos hoje visualizando este mesmo interesse voltando-se para o estudo do envelhecimento. Lazer e envelhecimento ganham espaço no campo da investigação científica, entretanto estudos que abordem a relação entre estas duas áreas ainda são incipientes, necessitando de muita investigação. Procuraremos lançar uma semente para instigar os estudos entre estas duas vertentes do conhecimento.

O lazer direcionado às pessoas idosas emerge com aquilo que Debert chama de reprivatização do envelhecimento, no qual os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente pela sua saúde, pela sua aparência, pelo seu isolamento:

...se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade. (p. 35) (4)

O lazer aparece, neste contexto, seguindo esta mesma ideologia, na ilusão de ser acessível a todos, dando a entender que todos podem usufruir de atividades de lazer. Os idosos aparecem, neste contexto, como se a aposentadoria lhes trouxesse a liberdade para adentrarem no mundo do lazer. Existe uma grande identificação entre aposentadoria e tempo de lazer, e, se os idosos não procuram uma vida de lazer, é porque não se interessam. Entretanto, este ideal de vida de lazer além de vir acompanhado de uma visão funcionalista, procurando encobrir os problemas sociais e econômicos que atingem estas pessoas; é acessível apenas a uma minoria. É um mito pensar a aposentadoria *“como início de uma época em que o indivíduo vai dispor livremente de sua vida e usufruir os bens e serviços que a natureza e a sociedade lhe oferecem”*. (7) E os bens e serviços de lazer não são acessíveis a todos os idosos, *“existem barreiras interclasses e intraclasse sociais, formando um todo inibidor que dificulta o acesso ao lazer, não só quantitativamente, mas, sobretudo, qualitativamente”*. (9)

Dentre as barreiras que impossibilitam a concretização do ideal de lazer podemos citar: estereótipos, fator econômico, tempo disponível e o acesso ao espaço de lazer. Apesar dos esforços dos diversos estudiosos em demonstrar as possibilidades de desenvolvimento e as potencialidades das pessoas idosas, alguns estereótipos persistem e outros surgem no cenário contemporâneo. Foge ao escopo de nosso trabalho traçar um histórico sobre o aparecimento e a construção desses preconceitos, porém torna-se importante situar alguns dos principais mitos sobre o tema.

Podemos verificar duas formas de compreensão da velhice no contexto brasileiro; numa delas a velhice é entendida como um momento de perdas, decrepitude, inutilidade. Beauvoir (1), aborda a respeito das sociedades e as imagens construídas por elas em relação aos velhos, no decorrer da história. A autora relata que, nas sociedades

ocidentais, a velhice foi (e continua sendo) ligada a uma imagem estereotipada. Em nossa sociedade, a velhice também tende a ser vista como um período dramático, sendo muitas vezes associada a pobreza e invalidez.

A segunda forma de compreensão da velhice, traz o entendimento da mesma como sendo uma fase de realizações, negando os estereótipos acima relacionados. Esta nova visão do envelhecimento vem associada ao lazer, como aborda Debert (4), os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, a “idade do lazer”. A aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividades de lazer. Neste contexto, o lazer aparece como possibilidade de evitar o envelhecimento. Dentro de uma visão funcionalista e compensatória, o lazer vem, sob as vestes da saúde, trazendo a idéia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude.

As novas formas de comportamentos veiculadas pela mídia criam um novo estereótipo: os heróis do envelhecimento. Featherstone (6) denomina de *heroes of aging* as várias imagens veiculadas pelos meios de comunicação, mostrando pessoas que, frente ao processo de envelhecimento, parecem permanecer eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento geral.

Na perspectiva de Debert (5) esta idéia rejeita a própria idéia de velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. Se anteriormente os idosos eram homogeneizados por uma visão de invalidez, perdas, hoje o são através da imagem de um idosos ativo, saudável, em busca de atividades de lazer. Ambas as imagens afastam os idosos do lazer: a primeira por desconsiderar as potencialidades da pessoa idosa e a segunda, por negar a velhice, definindo condutas a serem assumidas e impondo novas formas de agir com as quais os idosos não se identificam.

Estas novas formas de comportamento trazem como pano de fundo a melhoria da qualidade de vida dos idosos, contudo, na realidade, possuem o objetivo de buscar soluções para os problemas encontrados em nossa sociedade e o atendimento a um novo mercado em expansão - a indústria do rejuvenescimento.

A indústria do rejuvenescimento em grande expansão, vende mercadorias por meio de imagens de rejuvenescimento, saúde, beleza, apresentando um ideal de corpo a ser atingido. A idéia da eterna juventude é a bandeira levantada pelos mercados de consumo, lançando a cada dia um produto novo, visando combater o envelhecimento. O lazer não fica de fora, junto a mídia tende a impor idéias a serviço do capital, veiculando informações de forma a impor novas formas de comportamento, apagando o que, previamente, era considerado o comportamento adequado à pessoa idosa. No tocante a esta questão Debert acrescenta:

...este segundo modelo também sem pretender, acaba fazendo coro com os discursos interessados em transformar o envelhecimento em um novo mercado de consumo, prometendo que a velhice pode ser eternamente adiada por meio da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (5)

É papel do lazer atender à lógica de produção do mercado e do Estado? Esta gama de atividades de lazer que vem surgindo para pessoas idosas como: atividades de turismo, bailes, bingos, excursões são realmente carências sociais e individuais ou novas formas de gerar lucro em uma sociedade necessitada de aumentar seu consumo para manter o equilíbrio?

O consumismo no campo do lazer tende a gerar falsas necessidades, não podemos permitir que o lazer se torne uma necessidade inventada pela sociedade do consumo e que a indústria cultural, dentro de uma abordagem consumista, influencie, interfira e se aposse do tempo disponível das pessoas para as práticas de atividades de lazer consumista.

O lazer não é um produto a mais de consumo que se vende e se compra como uma mercadoria. O acesso aos bens culturais de lazer é muito mais complexo que uma simples relação de aquisição de consumo. Este lazer visto apenas como consumo deve ser repensado pela sociedade, tendo em vista que amplia as diferenças entre seus membros e gera exclusão.

A tendência contemporânea é de repensar a idéia de envelhecimento como um período de perdas como sendo uma fase própria a novas conquistas, entretanto a informação se faz necessária para que estas novas conquistas não se tornem apenas novas formas de consumo. Os idosos devem ser preparados não para eleger produtos e sim caminhos, devem ter a liberdade de conceber e realizar projetos, de construir o lazer, não só de consumi-lo

Além dos estereótipos, o fator econômico se constitui outra barreira de acesso ao lazer, sendo, segundo Marcellino (8), determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais, até as oportunidades de acesso à escola e contribui para uma apropriação desigual do lazer.

Quanto aos idosos, as condições econômicas são um entrave para o lazer, uma vez que há uma queda em sua renda a partir do momento em que se aposentam. A grande maioria das pessoas idosas que possuem apenas a aposentadoria como recurso financeiro, vive com dificuldades financeiras, pois os gastos com atendimento médico e remédios, geralmente, tende a aumentar, dificilmente sobram recursos financeiros para o lazer, principalmente se levarmos em consideração a mercadorização do lazer e o domínio da iniciativa privada em relação aos espaços de lazer.

O tempo livre constitui outra barreira para o lazer, apesar de alguns estudiosos² considerarem os idosos como possuidores de grande tempo livre, esta realidade não abrange a todos, não podemos esquecer que estas pessoas, em sua maioria, estão envolvidas com uma série de obrigações familiares, religiosas e sociais que limitam o tempo a ser destinado ao lazer. Além das obrigações, as condições econômicas desfavoráveis fazem com que muitos idosos busquem trabalhos informais para suprirem suas necessidades de sobrevivência, tais como: vendedor de sorvete, vendedor

de pipoca, vendedor de bilhetes de loteria, etc; alguns continuam trabalhando em serviços braçais e outros ainda voltam a trabalhar no antigo emprego, por menor salário e sem vínculo empregatício. O trabalho informal torna-se um limitador do tempo que poderia ser utilizado para o lazer.

O acesso aos espaços de lazer é outro fator limitante, ainda que o lazer, a partir da Constituição de 1988, tenha passado a ser direito de todos os cidadãos brasileiros e uma das obrigações do Estado, está muito longe de democratizar o acesso da população aos diversos interesses do lazer. Com isso, surgem com força total os mais diversos empreendimentos privados na área que ao invés de satisfazer necessidades humanas criam novas. Segundo Marcellino, no caso dos equipamentos de lazer, dos espaços de convívio, parece haver uma tendência à privatização, na qual os espaços de lazer, inclusive as áreas verdes e o lazer propriamente dito, tornaram-se produtos do mercado. Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha e o ar puro, pela água fica excluído do gozo desses bens que deveriam ser públicos porque são essenciais. (p. 32) (8).

Não só o acesso ao espaço limita o lazer como a falta de informação em relação aos espaços e equipamentos de lazer e a localização destes espaços que, nem sempre, oferece fácil acesso aos idosos os quais, muitas vezes, têm de usar o transporte coletivo para chegar a este local e isso se torna um empecilho à pessoa idosa.

Grande parte das pessoas idosas não tem acesso aos espaços de lazer, desconhecendo a importância e os benefícios que este pode lhe oferecer. Abrir possibilidades de acesso é fundamental, uma vez que só mediante experiências de lazer o idoso poderá aprender a gostar do mesmo. Segundo Bramante (2), essa geração de idosos deverá passar por outras experiências, nas quais novos valores poderão ser incorporados com a vida da aposentadoria, sendo necessário um processo educativo prévio para que ocorra um engajamento consciente às suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e convivência social, por meio das experiências de lazer.

Camargo chama-nos a atenção sobre a importância da educação para o lazer ao longo de toda a vida do indivíduo. Segundo ele, a imagem atual da aposentadoria é o melhor lembrete de que a educação para o lazer deve começar bem cedo, muito cedo mesmo, talvez antes até de começar a vida de trabalho. (3). Todavia, para que isto ocorra é necessário que os profissionais da área de Educação Física estejam atentos para a necessidade de uma educação para o lazer contínua, que vise à participação social, à diminuição dos obstáculos, à inclusão de todos os grupos multiculturais, socioculturais e marginalizados, grupos segundo gênero, idade, habilidade e outros, desenvolvendo um sentido de cidadania na sociedade.

² Para alguns autores o tempo livre é uma característica presente na vida das pessoas idosas, sendo o tempo de não trabalho considerado livre. Podemos analisar esta colocação através da afirmação de Santini Em geral as pessoas aposentadas enfrentam o problema do que fazer com todo o tempo de que dispõem (p.88) (10).

Referências Bibliográficas

- (1) BEAUVOIR, S de. *A velhice*. 2ª.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- (2) BRAMANTE, A. C. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, W. W (org.) *Educação Física e esporte: perspectivas para o século XXI*. Campinas, Papirus, 1993.
- (3) CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. São Paulo, Moderna, 1998. p.28.
- (4) DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999a.
- (5) DEBERT, G. G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L; DEBERT, G. G. (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas- SP, Papirus, 1999b.p. 41-68.
- (6) FEATHERSTONE, M. Post bodies, aging and virtual seality. In: DEBERT, G. G.; WERNICK, A (org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London, Routledge, 1995. p. 227-244.
- (7) MAGALHÃES, D. N. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro, Papagaio, 1989, p.9.
- (8) MARCELLINO, N. C. *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas-SP, Autores Associados, 1996.
- (9) MARCELLINO, N. C. Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, N. C. *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas- SP, Autores Associado, 2001, p. 5-29.
- (10) SANTINI, R. de C. G. *Dimensões do lazer e da recreação: questões espaciais, sociais e psicológicas*. São Paulo, Angelotti, 1993.